

NOSSOS MESTRES

Professora que dá asas aos alunos

Pioneira da educação em Brasília, Júlia Passarinho criou a própria metodologia de ensino para quebrar os limites impostos pelo método tradicional

» MARIANA NIEDERAUER

“Poucas certezas podemos ter na vida. Uma delas, para mim, é a de que ser professor é uma escolha consciente das responsabilidades profissionais e, como tal, poder tomar decisões convicta de que promovemos experiências significativas que substanciam atitudes transformadoras na construção de uma sociedade mais justa e um mundo mais humanizado. Eu, professor, felicito os professores que, como eu, buscam constantemente aperfeiçoamentos, valorizam a profissão e vivem a educação.”

Foi com essas frases que, há cinco anos, a professora Júlia Maria Passarinho deixou uma homenagem a todos os seus colegas em artigo publicado no **Correio** no Dia do Professor, celebrado todo 15 de outubro. Durante toda a carreira como educadora, ela viveu e propagou essa verdade e, hoje, afirma que não mudaria uma vírgula do texto, assinando embaixo, mais uma vez, das palavras escritas com emoção.

A vivência criativa e a liberdade guiaram a trajetória de Júlia Passarinho desde as primeiras experiências na arte de ensinar. A vontade de ser professora nasceu aos 7 anos de idade e com uma ambição ainda maior: ela queria ter a própria escola. Já é famosa pelos corredores do Indi, a escola que fundou em Brasília e da qual é diretora, a história de que ela começou a dar aulas para as galinhas no quintal de casa. “Eu dava aula para as galinhas, e as galinhas ficavam quietas! Minha mãe dizia que eu as hipnotizava. Eu ficava no quintal de casa

e escrevia na areia, dando aulas para elas”, diverte-se ao relembrar.

Carioca, Júlia nasceu em 1952, na cidade de Resende, distante 160km da capital. Mas já aos 3 anos de idade mudou-se para Belém, para onde o pai, então major do Exército, havia sido transferido para o comando militar da Amazônia. Foi ele, instrutor e professor de inglês, um dos responsáveis por inspirar Júlia a ensinar. A correção das provas e os recados escritos para os alunos com o objetivo de incentivá-los a fascinavam. Mais tarde, Jarbas Passarinho se tornaria governador do estado, senador da República e ocuparia até mesmo o cargo de ministro da Educação, entre 1969 e 1974.

“Meu pai fazia assembleias, a gente conversava, discutia as coisas. Então, com 10 anos, para mim, o normal era ouvir as pessoas e, mesmo que fossem contrárias, ter a capacidade de escutar com respeito e tentar agregar as opiniões diversas em prol de alguma coisa maior”, afirma a professora. Isso também significava certa rebeldia para os padrões da época. Júlia conta que sempre estava à frente de manifestações e de movimentos que acreditava serem importantes, tanto no campo dos direitos dos docentes quanto dos direitos humanos.

Solidariedade

A família Passarinho se mudou para Belém com Júlia e o irmão mais velho dela. Os outros três filhos nasceram já na capital paraense. A história do nascimento do primogênito inspiraria,

Kayo Magalhães/CB/D.A Press



mais tarde, a matriarca Ruth a criar um projeto social que até hoje a família mantém em Brasília.

Dona Ruth contraiu tuberculose quando estava grávida e fez uma promessa pela cura dela e pela saúde do filho. Se ambos se salvassem, ela se dedicaria a combater a doença. Com as preces atendidas, ela viu a oportunidade, anos mais tarde, na chegada a Brasília, de cumprir o voto. “Ela descobriu que o Núcleo Bandeirante era um foco de tuberculose e que a doença dizimava famílias inteiras. Muitas crianças adoeciam e morriam pelo contágio, pois não tinham para onde ir e se isolar. Aí, ela criou a Casa do Pequeno Polegar, para atender filhos saudáveis de pais com tuberculose”, resume Júlia.

A casa começou, há 57 anos, com um convênio com o Governo do Distrito

Federal. Inicialmente funcionou em regime de internato. Os filhos assumiram a gestão e renovaram a parceria, enriquecendo com as atualizações das ciências e a legislação em vigor. Hoje, a instituição atende a 270 crianças em situação de vulnerabilidade do Mangueiral, Itapoã, Paranoá e São Sebastião, ofertando educação infantil com a mesma metodologia aplicada no Indi.

“Eu continuo (na Casa do Pequeno Polegar) porque, para mim, é uma herança de amor. Não tem jeito. Enquanto eu viver eu trabalho aqui (no Indi) — porque espero parar só depois que eu me for — e lá também, que é a obra que a gente preserva, de levar para as crianças desprivilegiadas mais carinho, mais cuidado, mais atenção, alegria e prazer de aprender”, emocionou-se Júlia, que é vice-presidente da casa.